

Resenha Bibliográfica 2

NAISBITT, John & ABURDENE, Patrícia. Renaissance in the Arts.
In: Megatrends 2.000. New York, Avon Books, 1990, p. 50-86.

DIVA BENEVIDES PINHO (*)

O ano 2.000, que parecia remoto, já está quase diante de nós, ampliando emoções, acelerando mudanças e compelindo-nos a rever nossos valores e instituições, advertem Naisbitt e Aburdene em recente obra - *Megatrends 2000* (N.Y., 1990).

Realmente vivemos no limiar de uma nova era, marcada por grandes inovações tecnológicas, oportunidades econômicas sem precedentes, reformas políticas surpreendentes e notável renascimento cultural. Os dois autores enumeram, então, as dez mais importantes megatendências dos anos 90, que representam a porta de entrada do século XXI: o desabrochar de uma economia global, o renascimento das artes, a emergência do socialismo de livre-mercado, os estilos de vida globais e o nacionalismo cultural, a privatização do Estado de bem-estar, o aparecimento da franja do Pacífico, a década da mulher na liderança, a era da biologia, a revivescência religiosa do novo milênio e o triunfo do indivíduo.

É importante notar que, nessa lista, as artes aparecem em segundo lugar, confirmando a opinião dos dois autores: nos anos 90 as artes substituirão gradualmente os esportes como atividade primária de lazer da sociedade. Isto decorrerá, principalmente, de revolucionária e monumental mudança no tempo de lazer e nas prioridades de despesas.

Necessidade de se Reexaminar o Sentido da Vida pelas Artes

Naisbitt e Aburdene mostram que a megatendência - renascimento das artes - é comprovada pelos fatos: desde 1966 a afluência aos museus americanos creceu de 200 para 500 milhões, as temporadas anuais na Broadway têm sido um sucesso crescente e as audiências à opera quase

(*) Professora Titular do Departamento de Economia da FEA-USP, Pesquisadora da FIPE, Membro do CESA (Centro de Estudos de Sociologia da Arte, São Paulo) e da ABPA (Associação Brasileira de Pesquisadores em Arte).

triplicaram, desde 1970. Na Europa Ocidental, destaca-se a Inglaterra quanto à inauguração de museus: em média, um novo a cada 18 dias; a Alemanha Ocidental, no último decênio; construiu cerca de 300 museus. No Oriente, o Japão lidera as estatísticas, com mais de 200 novos museus. E na URSS da perestroika e da glasnost também se verifica notável revivescência cultural e literária.

A caminho para o novo milênio parece que não haverá mais as guerras internacionais devastadoras, nem a guerra fria que marcaram o século XX. E a humanidade liberta-se tanto do totalitarismo quanto do sentido de tecnologia como simples substituição dos homens por máquinas. Ou, como dizem os dois autores: a humanidade está mais livre para explorar o que significa "ser humano" Ora, esta questão é sobretudo espiritual, mas suas implicações econômicas são importantes. Ou seja, os novos padrões de riqueza das sociedades afluentes possibilitam ao homem desfrutar maior tempo de lazer e, ao mesmo tempo, aumentar sua educação na área artística. Daí, a multiplicação de consumidores em condições de apreciar a arte e de poder pagar o preço das entradas de exposições artísticas e de espetáculos.

Naisbitt e Aburdene constataam a preferência de se passar as tardes de domingo em museus ao invés de olhar futebol pela televisão ... Evidentemente, essa situação não é a mesma no Terceiro Mundo, onde estão quase ausentes os principais fatores de estímulo ao desenvolvimento cultural que os dois analistas acentuam - a educação artística e o poder aquisitivo. Então, a megatendência artística de que falam refere-se aos países industrialmente avançados e às ilhas de prosperidade dos países em desenvolvimento ...

Feita essa ressalva, parece que realmente os anos 90 trarão um forte e moderno renascimento nas artes visuais, poesia, dança e música em todo o mundo desenvolvido, contrastando com o modelo anterior, em que o militar e o esportista predominavam.

Nos Estados Unidos, por exemplo, nota-se a tendência de as empresas definirem sua imagem e venderem seus produtos utilizando-se mais das artes do que dos esportes.

O renascimento artístico, que procura atingir os consumidores mais sofisticados, não se limita, entretanto, a Nova York, Paris ou Tóquio: floresce também em pequenas áreas suburbanas e rurais das sociedades afluentes.

Por outro lado, em países como os Estados Unidos, nos quais houve grandes cortes em fundos oficiais de arte, o efeito foi paradoxalmente contrário: a comunidade artística tornou-se mais forte e mais livre para gerar recursos e fixar sua própria agenda, independentemente do governo e, inclusive, para selecionar o apoio de empresas privadas através de *marketings* sofisticados.

O Boom das Artes

Naisbitt e Aburdene fazem referência aos recordes de venda das obras de Van Gogh, salientando que representam apenas uma face do *boom* das artes. As outras faces são o incremento do mercado de estampas e de obras de artistas desconhecidos, além do aumento de vendas de pinturas de variadas correntes artísticas. O crescente afluxo a galerias, museus e modernos centros culturais também se enquadra nessa megatendência.

O "Estouro" das Exposições de Arte

A frequência a museus dos Estados Unidos, insiste-se, dobrou em vinte anos; passou de 200 milhões em 1965 para 391 milhões em 1984; em 1987, alcançou 500 milhões e continua a crescer até agora.

O público sensível às artes tem tido oportunidade de visitar exposições extraordinárias e contemplar obras de grandes mestres. Assim, por exemplo, a exposição dos tesouros da Casa da Inglaterra, na National Gallery, foi visitada por um milhão de pessoas, ultrapassando o recorde de 835.000 pessoas, na exposição do Rei Tutankhamen, em 1977.

Embora a renda dessas exposições não seja nada excepcional, o importante é que elas criam nas pessoas o hábito de visitar museus. Aliás, nas cidades norte-americanas de pequeno e médio portes, verifica-se que, aos sábados, as pessoas se acotovelam em centros culturais, galerias, museus e feiras de arte. Em Paris, cerca de 6.000 visitantes/dia passam pela Casa Drouot.

O Explosivo Mercado de Arte

A nossa era é da exploração da arte, escreve o Diretor do Metropolitan Museum of Art, Thomas Hoving, citado por Naisbitt e Aburdene. É que "*nossa civilização equipara arte à imortalidade*" Neste sentido, afirmam os executivos da Sotheby's e Christie's podem sentir-se imortais: em 1987, as duas

casas de leilão quebraram a barreira de um bilhão de dólares. Na estação 1988-89, as vendas dos dois gigantes excederam 4 bilhões - o que é mais elevado do que o PNB da Jamaica.

O "Art Index" da Sotheby's registra crescentes índices de venda dos impressionistas e das pinturas modernas, excedendo os índices das ações de primeira linha.

Para o diretor Hoving, é repugnante a compra de arte apenas como outro tipo de investimento. Os colecionadores, por sua vez, costumam afirmar que compram objetos de arte para sua própria satisfação.

Mas a realidade é o grande aumento de venda de obras de arte por duplo motivo: amor à arte e investimento...

O Boom dos Museus e dos Teatros

Novos museus são freqüentemente abertos em quase todas as grandes cidades dos Estados Unidos, enquanto os grandes museus estão sempre criando outras alas ou realizando ampliações.

Igualmente, a multiplicação de teatros em cidades norte-americanas, inclusive de médio e pequeno portes, possibilita notável aumento de freqüência a óperas, teatros, sinfonias, concertos etc.

Naisbitt e Aburdene insistem na importância artística das cidades em geral, nos países desenvolvidos, exemplificando que o maior museu mundial de arte contemporânea não está em Paris, Nova York ou Tóquio, mas em North Adams (Massachusetts) - é o Mass Moca, em um antigo complexo industrial, especialmente reformado.

Novas Atividades no Campo da Arte

A atual revivescência da arte é uma estimulante oportunidade para novos negócios, em diferentes ramos da arte. Assim, por exemplo, é importante a segurança no transporte de obras de arte, sobretudo com os preços recordes atingidos nas grandes Casas de Leilão.

O expresso de Belas Artes em Boston, por exemplo, coloca os objetos de arte em *containers* especiais, assegura-os e remete-os a seu destino em caminhões de temperatura controlada, com alarmes contra ladrões. Em outros lugares dos Estados Unidos, há empresas de colocação de bailarinos, a custo

relativamente baixo, e que se encarregam de preparar currículos e vídeos para mostrar aos interessados. Ou, então, serviços de mala postal que localizam o objeto artístico desejado pelo cliente, embalam e o enviam para ele; o lema resume-se na frase "*se o objeto artístico existe, nós o acharemos para você*".

Há também empresas que leyam cegos e pessoas visualmente deficientes a teatros, colocando à sua disposição aparelhos de audição e especialistas que narram as cenas, vestuários e o ambiente.

Diversas e variadas profissões ligadas à arte surgirão, prevêm os autores, com apoio nessa megatendência do novo milênio, que também mudará o plano de carreira dos estudantes e lhes oferecerá um novo projeto de vida.

Alugue um Museu

Além da previsão de surgimento de novas e heterogêneas profissões ligadas ao *boom* das artes, Naisbitt e Aburdene apresentam interessantes sugestões. Assim, perguntam: o que pensa sobre dar uma festa de sua organização, fazer uma assembléia sindical, a recepção de bodas ou um *bar mitzvah* em um imponente museu de tetos altos e de US\$ 1 bilhão de valiosas pinturas nas paredes?

Aliás, há mais de dez anos, o Smithsonian Museum em Washington (Distrito Federal) começou a ser alugado para atividades de grupos de pessoas, a fim de obter recursos quando os fundos federais tornaram-se insuficientes.